

A VARIAÇÃO FONÉTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRE E POSTÔNICAS NO LÉXICO DE MONTES CLAROS/MG

Patrícia Goulart Tondineli (UNIMONTES)
patricia.tondineli@gmail.com

Diversos fenômenos fonológicos do Português do Brasil (PB) têm suscitado grande número de indagações e, por conseguinte, uma produção científica crescente. Um destes fenômenos, objeto deste estudo, é o comportamento das vogais médias (e) e (o) em posição pretônica e postônica (não final).

Tendo em vista que, no Brasil, o quadro dessas vogais não é fixo, dependendo da região geográfica em que estão inseridas, buscou-se, na cidade de Montes Claros, identificar os contextos extra e intralinguísticos que abrangem as variantes [e], [ɛ], [i] e [o], [ɔ], [u], bem como a repercussão dessa variação no nível lexical.

Para Antenor Nascentes, em seu *Bases* para a elaboração de um Atlas linguístico do Brasil, Montes Claros encontra-se na zona do subfalar baiano, o qual teria como uma de suas características a “predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔh'vaɔu], [sɛrɛnu]” (GUIMARAES, 2006, p. 03-4).

Conforme nosso *corpus*, o que encontramos, entretanto, na cidade investigada, é um sistema complexo no que diz respeito ao comportamento das vogais médias (e, o) em posição pretônica e postônica medial, o que nos dá, pois, um quadro diferente daquele postulado por Antenor Nascentes. Além disso, encontramos, em nossa pesquisa, realizações indicativas de difusão lexical, sendo que a variação das vogais médias, seja em posição pretônica quanto postônica não final, e, pois, um processo controverso, pois ocorre em determinados contextos em um item lexical e, em outro item, sob os mesmos contextos, não ocorre.

Assim sendo, o trabalho que ora se apresenta pretendeu, portanto, além de comprovar e estudar o comportamento das vogais médias pretônicas e postônicas, em posição não final, em Montes Claros, norte do estado de Minas Gerais, investigar o uso de dos itens

lexicais com o intuito de contribuir para os projetos que buscam entender as escolhas léxico-fonológicas dos falantes.

Para que pudéssemos realizar essa discussão, tomamos como base os resultados das pesquisas de autores como Castro (1990), em Juiz de Fora/MG; Guimarães (2006), na região norte de Minas Gerais; Ribeiro (2007), em Belo Horizonte/MG; Viana (2008), em Pará de Minas/MG e Viegas (2001), em Belo Horizonte/MG. Além disso, nos utilizamos, para comprovar e discutir o caráter difusionista em relação ao comportamento das vogais médias [e, o] em posição pretônica e postônica não final, dos trabalhos de Bisol (1981), Bybee (2002), Chen & Wang (1975), Cristófaros-Silva (2001, 2006), Fideholtz (1975), Krishnamurti (1978), Labov (1981, 2008), Lee (1992), Oliveira (1991, 1995, 2008), Oliveira & Lee (2003, 2006), Wang (1969).

No presente estudo, foram selecionados 9.149 dados da amostra, os quais foram submetidos ao programa GOLDVARB 2001. No *corpus*, 5.470 dados referem-se a variável (e) – 5.078 em posição pretônica e 392 em posição postônica não final –, e 3.679 referem-se a variável (o) – 3.299 em posição pretônica e 380 em posição postônica não final.

Conforme já havíamos dito, o comportamento das pretônicas forma, na cidade de Montes Claros/MG, um quadro complexo. Já em relação às postônicas não finais, além de se comportarem de modo diferenciado das pretônicas, verificamos, ainda, comportamento diferenciado em relação às variáveis (e) e (o): na variável (o) em posição postônica não final, o alçamento (53%) é predominante. Já em relação à variável (e), a manutenção da variável predomina, tanto em relação pretônica (70,8%), quanto em posição postônica não final (77,8%).

1. O comportamento variável pretônica (e)

A manutenção da variável (e), em posição pretônica, prevalece entre os falantes montes-clarenses. O percentual de 1% de rebaiamento aponta para uma das hipóteses iniciais deste trabalho: que o falar de Montes Claros não é mais caracterizado pela realização da

vogal baixa [ɛ], tal como nos indicava Antenor Nascentes ao colocar essa cidade dentro do subfalar baiano em sua divisão dialetal.

Dos 5.078 dados coletados, 1.413 referem-se ao alçamento de (e) em posição pretônica e 3597 a sua realização como [e]¹. Dentre os grupos de fatores, as rodadas *stepping up* e *stepping down* excluíram *posição da pretônica*, *sexo do falante* e *grau de escolaridade*. Apesar de não selecionado pela *stepping up*, o grupo *individuo* não foi eliminado pela rodada *stepping down*.

Quanto ao rebaixamento da variável (e) em posição pretônica, dos 5.078 dados coletados, 68 referem-se a este fenômeno e 3597 a manutenção da variável pretônica (e)². Aqui, foram selecionados, pelas rodadas *stepping up* e *down*, os grupos de fatores *vogal da sílaba seguinte*, *vogal da sílaba precedente*, *contexto fonológico seguinte*, *contexto fonológico precedente* e *classe de palavras*. O grupo *grau de escolaridade*, apesar de ser eliminado pela rodada *stepping down*, foi selecionado na *stepping up*.

2. O comportamento da variável pretônica (o)

Assim como vimos em relação à variável (e), a manutenção da variável pretônica (o) também se sobressai no falar de Montes Claros, em detrimento do alçamento – 14% – e do rebaixamento – 4%. Ainda em comparação com a variável (e) em posição pretônica, verificamos que o rebaixamento de (o) é maior do que o de (e); por outro lado, o alçamento de (o) é inferior ao da variável pretônica (e).

Dos 3.299 dados coletados, 462 referem-se ao alçamento da variável (o) em posição pretônica e 2.704 à manutenção da variável (o)³. Dentre os grupos de fatores, as rodadas *stepping up* e *down* excluíram *vogal da sílaba precedente*, *nasalidade*, *grau de formalidade*, *sexo do falante*, *faixa etária* e *classe social*.

¹ 68 dados coletados referem-se ao rebaixamento de (e) em posição pretônica.

² 1413 dados coletados referem-se ao alçamento da variável (e) em posição pretônica.

³ 133 dados coletados referem-se ao rebaixamento da variável (o) em posição pretônica.

Apesar de eliminado pela *stepping down*, o grupo *escolaridade* foi selecionado pela rodada *stepping up*. Já em relação ao rebaiamento da variável (o) em posição pretônica, dos 3.299 dados coletados, 133 referem-se ao fenômeno e 2.704 à manutenção da variável (o)⁴. Ainda, as rodadas *stepping up* e *down* excluíram *distância da sílaba tônica*, *nasalidade*, *classe de palavras*, *grau de formalidade*, *indivíduo*, sexo do falante, *escolaridade* e *classe social*. Apesar de eliminado pela *stepping down*, o grupo *faixa etária* foi selecionado pela rodada *stepping up*.

3. O comportamento variável postônica (e) em posição não final

Aqui, diferentemente das pretônicas, não foram utilizados os seguintes grupos de fatores: *status da tonicidade*, *distância da sílaba tônica*, *classe de palavra* e *grau de formalidade* pela insuficiência de dados para compô-los. Não se utilizou, também, o grupo *posição da vogal postônica* por, neste estudo, as vogais serem sempre mediais.

Parece-nos, em comparação com a realização das pretônicas, que a manutenção também prepondera entre os falantes montesclarenses – 78% – em detrimento do alçamento – 22%. Das 392 ocorrências da média (e) em posição postônica não final, 87 são relativas ao alçamento e 305 à manutenção da vogal. Os grupos selecionados pelas rodadas *stepping up* e *down* foram: *vogal da sílaba seguinte*, *vogal da sílaba precedente*, *contexto fonológico precedente* e *contexto fonológico seguinte*.

Assim como ocorreu em relação ao alçamento da variável (e) em posição pretônica, em posição postônica verificamos que nenhum dos grupos de fatores não estruturais foi selecionado, sendo tal fato, portanto, indicativo de difusão lexical. Em relação ao dialeto montesclarenses, comparando-o com os dados referentes ao dialeto da capital mineira (RIBEIRO, 2007), verificamos que o comportamento da postônica (o) é diferenciado, apesar de ambos favorecerem a manutenção da variável. Tal fato condiz com o que nos afirma Oliveira (2008): “E evidente que os falantes de um mesmo dialeto apresentarão mais semelhanças do que diferenças entre si. (...) E é evidente,

⁴ 462 dados coletados referem-se ao alçamento da vogal média [o] em posição pretônica.

também, que as diferenças irão crescer quando falantes de dialetos diferentes são comparados”.

4. *O comportamento da variável postônica (o) em posição não final*

Em relação à variável (o), em posição postônica não final, vemos um comportamento diferente do de todas as outras variáveis aqui analisadas, sejam elas em posição pretônica ou postônica. Aqui, o alçamento prevalece em relação à manutenção – 53% e 47%, respectivamente. Entretanto, se levarmos em consideração a margem de 4 pontos percentuais de erro estatístico, podemos dizer que, em relação às postônicas (o), o comportamento dos falantes da cidade de Montes Claros e equivalente para os dois processos – manutenção e alçamento.

Tal fato é confirmado pelo que nos mostra Ribeiro (2007) em relação ao falar de Belo Horizonte/MG. Assim como no dialeto montesclarenses, na capital mineira, há a tendência de se elevar a média postônica (o), em posição não final.

Os grupos selecionados pelas duas rodadas do VARBRUL foram: *vogal da sílaba seguinte, vogal da sílaba precedente, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e indivíduo*. Ainda é necessário dizer que, para que as rodadas pudessem ser efetuadas, tivemos que retirar as 17 ocorrências da palavra *páscoa*; além disso, o alçamento da variável (o) foi categórico: *pásc[u]a*. Também excluímos a única ocorrência de alçamento com ausência de contexto seguinte – *aure[w]*, variação de auréola.

5. *Os itens lexicais*

Dos 69 diferentes itens lexicais encontrados no nosso *corpus* com as vogais médias (e, o), em posição postônica não final, relativos ao fenômeno do alçamento, 34 dizem respeito à postônica (e) e 35 à postônica (o) – conforme dados nas Tabelas 1 e 2. Além disso, em relação ao rebaixamento das postônicas (e, o), houve, nos dados colhidos, ausência quase categórica do fenômeno, sendo apenas en-

contrado em *x[e]r[ɐ]x* e *bróc[ɐ]lis*; este, com apenas uma ocorrência.

Isso nos faz crer, assim como dito anteriormente por Vieira (1994) e Ribeiro (2007), que o dialeto montesclarenses, no que se refere às médias postônicas em posição não final, é composto por um quadro com as vogais /e, i, a, u, o/, diferentemente do que postulou Câmara Jr. (2007, p. 44), que nos apresentou o seguinte quadro das primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas:

Altas	/u/	/i/
Médias	/../	/e/
Baixas	/a/	

Itens como *Jâmbore*, *âncora*, *cômodo*, *sambódromo*, *autônomas*, *monótona*, *diácono(s)*, *brócolis* e *Xerox* tiveram manutenção categórica, sendo que nos dois últimos (*brócolis* e *Xerox*) houve casos de realização da média (o) em posição postônica não final como baixa [ɐ]. Já os itens *auréola*, *bússola*, *páscoa* e *período* tiveram alçamento categórico.

Verificamos que, em relação ao comportamento da postônica não final (o), o alçamento é superior à manutenção da variável, diferentemente do que verificamos em relação à postônica não final (e), cuja manutenção é a preferência dos falantes de Montes Claros.

Dos 34 itens dados referentes à variável postônica (e), verificamos que a maioria deles possui manutenção ou alçamento categórico (*bafômetro*, *câmera*, *centímetro*, *cérebro*, *crisântemo*, *cronômetro*, *fenômeno*, *helicóptero*, *núcleo*, *números*, *ópera*, *pálpebra*, *parênteses*, *presbítero*, *prótese*, *quilômetro*, *taxímetro*, *termômetro*, *útero* e *velocípede* tiveram manutenção categórica. Já *área*, *áurea* – variação de *auréola* –, *orquídea*, *petróleo* e *Timóteo* tiveram alçamento categórico).

Assim, através dos nossos dados, podemos confirmar as duas hipóteses levantadas por Ribeiro (2007): (1) itens lexicais, que podem se apresentar variáveis quando olhamos para toda a comunidade de fala, possuem pronúncias categóricas para cada indivíduo (a vari-

ação intraindividual existente é mínima); e, em decorrência disso, (2) não se pode computar como variáveis os itens que possuem pronúncias categóricas dentro da mesma comunidade de fala. (*op. cit.*, p. 161)

Através da nossa análise sobre o comportamento das vogais médias (e, o), em posição pretônica e postônica não final, no falar de Montes Claros, pudemos verificar que as mesmas formam um sistema complexo, principalmente em posição pretônica, onde encontramos médias altas e baixas como variáveis.

O comportamento das vogais médias – excetuando-se (o) em posição postônica não final – tem a manutenção como preferência de realização. Quanto ao comportamento individual, verifica-se que e variável, seja em relação ao posicionamento de (e, o), seja em relação ao indivíduo; entretanto, conforme nos aponta Ribeiro (2007, p. 164), “apesar de os falantes terem apresentado variação intraindividual, (...) essa variação pode ser considerada uma situação marcada na língua, conforme postulou Oliveira (2006)”.

A exclusão das variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária, grau de escolaridade e classe social) em quase todas as posições das vogais médias (e, o) aqui investigadas, confirma a hipótese maior deste trabalho: que a variação é lexical. Além, há vocábulos que alcançaram mesmo sem ambiente vocálico favorecedor⁵, como *a-par[i]ceram*, *b[i]zerro*, *cr[i]sceu*, *m[i]lhor*, *r[i]ais*, *r[i]lacão*, *s[i]mestre*, *ac[u]mpanha*, *alg[u]dão*, *b[u]cado*, *c[u]meça*, *c[u]mer*, *v[u]ando*, *v[u]mitando*, entre outros.

Corroborando a hipótese da difusão lexical temos, ainda, casos categóricos como *tod[o]* e *tud[u]*, *pess[o]a* e *pess[u]al*, além de *[i]ntão*, *d[i]mais*, *d[e]pois*, *[e]xemplo*, *v[o]cê* e *p[u]rque*.

Verificamos que o alicamento das médias pretônicas (e, o), assim como o rebaixamento, é um processo variável, desmitificando, assim, a questão da harmonização vocálica. Quanto ao rebaixamento de (e, o), pudemos constatar que as categorias específicas propostas por Cristóforo-Silva (2005) dão conta de quase todos os casos encontrados neste trabalho.

⁵ Levando-se em consideração os resultados de diversos estudos realizados no Brasil.

Já em relação às vogais (e, o), em posição postônica medial, verificamos um quadro mais recorrente formado por 5 vogais: /i, e, a, o, u/; entretanto, assim como postulou Silva (2006), vemos que no dialeto montesclarenses há, ainda, em alguns casos, a redução de (o) a [] – *paráb[]la* e *pér[]la* –, assim como a redução de (e) a [I] – *córr[I]go*, *almônd[I]ga*. Das cinco possibilidades de realização das médias postônicas em posição não final, propostas por Ribeiro (2007), verificamos três delas: (1) alçamento – *pitág[u]ras*; (2) síncope – *fósfru*; (3) outras alterações – *crisânt[o]mo*.

Como nos disse Guimarães (2006), no Norte de Minas, podemos verificar um sistema vocálico variável, podendo, as médias pretônicas (e, o), ora se manterem, ora se realizarem como altas [i, o], ora como baixas [ɛ, a]. Há, assim, duas possibilidades de sistemas:

	Anterior	Central	Posterior
altas	i		u
médias		e	o
baixa		a	

1º quadro:

Sistema Vocálico I em posição pretônica no norte de Minas.

	Anterior	Central	Posterior
altas	i		u
médias		ɛ	o
baixa		a	

2º quadro:

Sistema Vocálico II em posição pretônica no norte de Minas

Já em relação às postônicas não finais, vemos um quadro semelhante ao proposto por Câmara Jr. (2007), excetuando-se a inclusão da média /o/, como vemos a seguir:

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

3º quadro
(primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas)

6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, analisamos o comportamento das vogais médias (e, o) em posição pretônica e postônica não final no léxico de Montes Claros/MG.

O que pudemos verificar através dos dados estatísticos é que a vogal média (o), em posição pretônica é mais propensa, tanto ao fenômeno do alçamento quanto do rebaixamento, do que a variável (e). Em relação ao quadro das pretônicas, verifica-se que o mesmo é composto por 7 vogais [ɛ, e, i, a, u, o, ɔ], isto é, apresenta três possibilidades de realização no que concerne às médias (e, o): manutenção, alçamento e rebaixamento.

A ausência de variação nos fatores extralinguísticos – sexo, faixa etária, grau de escolaridade e classe social – são indícios de que o fenômeno estudado é de cunho difusionista, apesar de que, para o alçamento, há variação em relação ao fator faixa etária, para a pretônica (e), e grau de escolaridade, para a pretônica (o). Mesmo sendo excluído por rodadas do VARBRUL, o grupo de fatores *Individuo* se mostra significativo, a partir do momento em que podemos verificar que o comportamento diversificado dos indivíduos em relação aos processos de alçamento e rebaixamento, compõem uma mostra variável em relação à idade, sexo, grau de escolaridade e classe social, sendo, portanto, condizente com a nossa hipótese sobre a variação ser de caráter difusionista.

Prova disso é que, na região Norte, a variação entre as produções dos falantes é maior. Para uma palavra como *s/e/rviço*, por exemplo, poderemos ter até três realizações possíveis, ou seja, *s[ɛ]rviço*, *s[e]rviço* e *s[i]rviço* – inclusive sendo todas, neste caso, proferidas por um só sujeito, Dionora. Nesse caso, atuam respecti-

vamente a preservação da estrutura, a redução vocálica e a harmonia vocálica.

Quanto ao fenômeno do alçamento, tão caracterizado na literatura como harmonização vocálica, verificou-se que, na região de Montes Claros/MG, a presença das vogais altas [i, u] não são o fator que mais favoreceu ao fenômeno, ao contrário, foram as baixas [ɛ, **ɐ**] as que mais favoreceram a realização do alçamento. Fato curioso, ainda sobre este assunto, é que há uma inversão em termos de vogais-irmãs, sendo que [**ɐ**] vai favorecer o alçamento de [e], e [ɛ] o de [o].

Já no rebaixamento, pode-se dizer que há, sim, uma assimilação do traço [-alto] da vogal da sílaba seguinte, entretanto, mais uma vez, em ordem inversa, tal como ocorreu no alçamento.

Quanto à realização das postônicas não finais (o, e), verificamos um comportamento diversificado em relação às duas. Enquanto que a primeira se realiza de três maneiras – manutenção, alçamento e rebaixamento –, a segunda só possui duas maneiras de realização – manutenção e alçamento.

A ocorrência de rebaixamento, seja em pretônicas ou postônicas não finais, em fala formal, nos faz acreditar que há, assim, uma tentativa dos falantes de evitarem o alçamento das mesmas e, portanto, uma “hipercorreção” fonética das médias (e, o). Tal fato corrobora as palavras de Cristófaros-Silva (2005, p. 87-9), que nos diz que a pronúncia das vogais postônicas mediais no PB possui grande variação, a qual, em sua opinião, está intimamente relacionada ao estilo de fala formal e informal. Entretanto, o que encontramos em relação ao rebaixamento das postônicas mediais e dissonante do que nos diz a autora sobre o comportamento das mesmas, a saber: na grande maioria dos dialetos do português brasileiro as vogais médias nasais ou nasalizadas são auditivamente perceptíveis como vogais baixas [ɛ]: “*pêndulo, têmporas, côncavo, gôndola, cênico, tônico, trêmula, Rômulo*”. Em dialetos que não apresentam a nasalidade de vogais – como algumas variantes paulistas – temos uma vogal baixa em posição tônica seguida de consoante nasal: *c[ɛ]nico, t[**ɐ**]nico, tr[ɛ]mula, R[**ɐ**]mulo*.

Considerando-se tal alternância – entre vogais nasais alta e baixa – assumimos que em exemplos como *cênica*, *tônica*, *trêmula*, *Rômulo* a vogal tônica relaciona-se a uma vogal baixa: [ɛ, ɐ] (CRIS-TOFARO-SILVA, 2005, p. 89).

O que observamos, portanto, é que no dialeto montesclareense, o rebaixamento das postônicas (e, o) em posição não final, foram as vogais e as semivogais que mais favoreceram o fenômeno.

Neste trabalho, encontraram-se, portanto, realizações indicativas de difusão lexical, sendo que a variação das vogais médias, seja em posição pretônica quanto postônica não final, é, pois, um processo controverso, pois ocorre em determinados contextos em um item lexical e, em outro item, sob os mesmos contextos, não ocorre, como é o caso de *m[i]lhoris* e *m[e]lhor*, *int[ɛ]r[ɛ]ssa*, *int[ɛ]r[ɛ]sse*, *c[u]nsera*, *c[o]nsera*, *c[ɐ]rrego*, *c[o]rredor*, entre outros.

Observa-se que as palavras que possuem configurações semelhantes às chamadas proparoxítonas eventuais, como *ár[i]as*, *gêm[i]os*, *ól[i]o*, *petról[i]o*, *áur[i]a*, *pásc[u]a* realizam-se sempre com vogais altas, para todos os informantes em todos os itens lexicais pronunciados. Assim sendo, mesmo descrevendo contextos fonéticos favorecedores ou não da variação, veem-se itens, em ambientes favorecedores, que raramente alçam, e itens, em ambientes considerados desfavorecedores, alçados.

A difusão lexical descartaria, pois, a regularidade, pautando-se pela existência de irregularidades, isto é, mesmo que haja condicionamentos fonéticos há, por outro lado, “a possibilidade de mudanças sonoras que não sejam foneticamente condicionadas” (OLIVEIRA, 1991). Assim, o ambiente fonético seria visto como um “assimilador *a posteriori*, e não como um condicionador *a priori* de uma inovação” (OLIVEIRA, 1992, p. 35).

Em função disso, conclui-se ser a mudança sonora lenta e gradual, pois afeta primeiramente algumas palavras específicas e, só então, estende-se, paulatinamente, para outras formas, o que propõe o modelo da difusão lexical. Concluindo, tendo em vista os dados estatísticos apresentados neste trabalho, podemos corroborar a hipótese de que a tese difusionista é fortemente reforçada por três argumentos, a saber:

- (a) inúmeras exceções a determinadas mudanças fonéticas não podem ser explicadas unicamente por analogia e/ou por empréstimo;
- (b) muitos processos fonológicos não são explicados somente por condicionamentos sonoros, mas por uma gama variada de fatores, incluindo os de natureza discursivo-pragmática e sócio-geográfico-social;
- (c) nem todos os vocábulos que contêm o som em mudança são afetados simultaneamente e da mesma maneira. Longe de se aplicar a todas as palavras ao mesmo tempo, as mudanças fônicas reconhecem limites temporais, quer por razões socioculturais, quer por razões pragmáticas, sendo, pois, contínuas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- BYBEE, Joan. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language, Variation and Change*, 14, p. 261-290, 2002.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de linguística descritiva*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASTRO, Elzimar Cesar de. *As pretônicas na variedade mineira juizdeforana*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.
- CHEN, M. & WANG, W.S.-Y. Sound change: actuation and implementation. *Language*, v.51, n. 2, p. 255-81, 1975.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. Fonética e fonologia: perspectivas complementares. *Estudos da Língua(gem)*, n. 3, p. 25-40, jun. 2006.

_____. DL: Estudo de Casos do Português Brasileiro. In: MENDES, Eliana Amarante de M.; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENNIBLER, Veronika. (org.). *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Faculdade de Letras. Belo Horizonte, 2001. p. 209-218.

FIDELHOLTZ, James L. Word frequency and vowel reduction in English. *CLS* 11, p. 200-213, 1975.

GUIMARÃES, Rubens Vinicius Martins. *Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais*. 2006. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

KRISHNAMURTI, B. Areal and lexical diffusion of sound change. *Language*, v. 54, n. 1, março, p. 9-25, 1978.

LABOV, W. Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, v. 57, n. 2, p. 267-308, junho, 1981.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEE, S.-H. Fonologia Lexical do Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, Campinas: Unicamp, 1992.

LEE, S. H. & OLIVEIRA, M. A. Variação inter- e intradialetal no português brasileiro: Um problema para a teoria fonológica. In: OLIVEIRA, Dermeval da Hora; COLLISCHONN, Gisela. (Org.). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária da UFPB, p. 67-91, 2003.

OLIVEIRA, Marco Antonio. The neogrammarian controversy revisited. *International journal of the sociology of language*. Berlin, 89, p. 93-105, 1991.

_____. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, Ano 4, n. 3, p. 75-92, 1995.

_____. Variação linguística, teoria fonológica e difusão lexical: por uma fonologia cognitiva. Belo Horizonte: PUC-Minas, *Seminário Espaços Mentais e Interfaces*, 2008. [Inédito]

OLIVEIRA, M. A; LEE, S. H. Teorias fonológicas e variação linguística. *Revista Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 3, p. 41-67, 2006.

RIBEIRO, Darinka Fortunato Suckow. *Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa e Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

VIANA, Vanessa Faria. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Belo Horizonte: PUC-Minas, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

VIEIRA, Maria Jose Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

WANG, W. S.-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language*, v. 45, n. 1, p. 9-25, 1969.